



A RESSIGNIFICAÇÃO DAS FIGURAS RUPESTRES NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE RELIGIOSA NA COMUNIDADE BOI BRANCO EM IATÍ-PE.

José Roberto de Melo Ferreira¹

RESUMO

A comunidade Boi Branco esta situada na zona rural do município de Iatí, que fica a 280 km do Recife e 85 de Garanhuns principal cidade econômica do agreste meridional. Trata-se de um assentamento do INCRA que conquistou as terras da antiga fazenda experimental do governo, que foi instalada para criar bois nelores por volta da década de 80, daí vem o nome Boi Branco. Considero esta pesquisa relevante por três aspectos, primeiro por terem conquistado a terra com a formação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Bases) na região, motivo que contribuiu para conquista da terra no ano de 1998. Segundo por a comunidade ter uma intensa religiosidade e devoção, sobretudo a Nossa Senhora das Dores, que inclusive fizeram promessas para conquistarem a terra, e construírem uma igreja quando da conquista, mas ainda não foi construída. E terceiro por as terras conquistadas, com o movimento das CEBs, estão situadas dentro de um sítio arqueológico repleto de figuras rupestres que datam de 6 mil anos. Com isso a intensa religiosidade desenvolvida por os moradores incorporou as itaquatiaras como sagradas, reassignificando-as ao afirmarem que no sítio arqueológico há presença da imagem de Nossa Senhora e o pé de Jesus Cristo, dessa forma realizando atividades no local, em forma de procissão saem de suas casas e se dirigem as figuras onde adoram e rezam, em frente a tais imagens, que funciona como altar onde se manifesta o sagrado. Este trabalho teve como objetivo compreender a relação dos moradores com as figuras, mediante o aspecto religioso. Podendo entender dessa forma que a reassignificação das figuras, a intensa religiosidade e a relação com as instituições religiosas formam uma identidade de uma comunidade que construiu uma subjetividade coletiva.

Palavras-Chaves: itaquatiaras – sagrado – terra – luta.

ABSTRACT

The Boi Branco (white ox) community is situated in the rural municipality of Iatí, which is 280 km from Recife and 85 from Garanhuns, the main city in economic terms of the Rural Southern. It is an INCRA settlement that has acquired the lands of the former governmental experimental farm, which was installed to raise Nelore cattle around the 80's, hence the name Boi Branco (white ox). I consider this research relevant in three aspects, first because they have acquired the land with the formation of ECBs (Ecclesial Communities of bases) in the region, one of the reasons that contributed to the acquisition of the land in the year of 1998. Second because the community has an intense religiosity and devotion, especially to Our Lady of Sorrows, to whom they have made pledges to conquer the land, and build a church as soon as they had obtained it, but it is not built yet. And third because the conquered lands, with the ECBs movement, are located within an archaeological site replete with rock figures dating back 6,000 years. With this the intense religiosity developed by the inhabitants has incorporated the itaquatiaras (rock arts) as sacred, giving a new meaning to them by asserting that in the archaeological site there is presence of Our Lady image and Jesus Christ foot, thus they conduct on-site activities, in form of procession they go out of their homes e head toward the figures where they worship and pray, in front of such images, which serves as altar where the sacred manifests itself.

¹ Graduado em História pela UPE, mestrando em antropologia pela UFPE; roberto.upe@hotmail.com



This work had as aim to comprehend the relation of the residents with the drawings, mediated by the religious aspect. It may be understood in this manner that the new meaning of the pictures, the intense religiosity and the relation with the religious institutions form an identity of an community that has constructed a collective subjectivity.

Keywords: itaquatiras – sacred – land - struggle

1. INTRODUÇÃO

A comunidade e o sítio arqueológico Boi Branco, estão localizados no município de Iatí-PE, a 284 km do Recife, Capital do Estado de Pernambuco e a 53 km de Garanhuns, principal cidade do Agreste Meridional do Estado. Situa-se, aproximadamente, a 15 km do centro urbano de Iatí, constituindo parte integrante da zona rural deste município. O Boi Branco tem acesso pela BR 423, destino Garanhuns/Paulo Afonso, no quilômetro 133 (aproximadamente) à direita, onde inicia a estrada que liga Iatí à vila de São Pedro do Cordeiro (pertencente ao município de Pedra/PE) cortando a zona rural do município de Águas Belas. É esta estrada, que possibilita chegar a comunidade do Boi Branco; um assentamento agrário do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) situado no local por volta de 1998. O nome da comunidade se deve ao fato de por volta dos anos 80 ter havido criação de gado nelore em uma fazenda experimental do governo do Estado.

Nesta mesma localidade encontra-se um assentamento do INCRA, que data de 1998, fruto da luta dos trabalhadores rurais, na conquista pelas terras da antiga fazenda experimental do Estado, após comprovação de sua improdutividade. Assim os assentados passaram a ter contato com as figuras rupestres, que datam de 6.000 anos (MARTIN: 1996), registros e símbolos gravados nas rochas em forma de itaquatiras² e signogravuras³, com as quais os nativos atuais daquela localidade mantêm uma relação mediante a qual as mesmas são incorporadas como manifestações do sagrado, motivo de devoção da religiosidade local.

A preocupação no presente projeto é de procurar entender as motivações para a construção de sentido religioso atribuído ao sítio arqueológico. Durante as primeiras observações no campo, identificamos algumas falas nativas que buscavam justificar as razões

² Itaquatiras significam, em tupi, pedras pintadas, em arqueologia se referem a figuras rupestres gravadas na rocha em forma de relevo.

³ Imagens pintadas com sangue e ferro, figuras rupestres em forma de signos gravados.



dessas práticas culturais. A religiosidade está presente na comunidade, seja a cruz que está plantada no meio do pátio da comunidade, como nas casas, em imagens de santos pintados e em esculturas de gesso, bem como rosários. A cruz fica na área central da comunidade, ela é feita de madeira, e está sob um pedestal de cimento. As principais imagens recorrentes nas residências são as de Padre Cícero, Nossa Senhora do Carmo, Santa Bárbara e outros. A imagem de Nossa Senhora, segundo os nativos, encontra-se gravada nas rochas, em forma de itaquatiara. Não se trata de um caso isolado de interpretação, visto que os moradores além de acreditarem ver a imagem de Nossa Senhora, identificam igualmente marcas do pé de Jesus Cristo gravado na “Pedra Pintada”, outra forma como descrevem o sítio, e por isso dizem ser o lugar sagrado.

2. AO ENCONTRO DA COMUNIDADE (DESCRIÇÃO ETNOGRÁFICA)

Essas terras que estão situadas nas proximidades do sítio arqueológico, assim como o conjunto de figuras que o compõe, são banhadas pela água do rio Ermitão, sobre o qual se estende uma ponte de entrada que dá acesso ao vilarejo. Na verdade trata-se de um conjunto de casas dividido em duas partes, identificadas, pelos moradores, como o Boi Branco de cima e o Boi Branco de baixo. Conforme levantamento realizado, o assentamento começou com 50 famílias, com 30 residências fixadas na parte de baixo, e do outro lado da estrada que corta o povoado, o Boi Branco de cima, com 20 residências. Os dois aglomerados residenciais estão separados por aproximadamente, 500 metros de distância. Entre eles passam a estrada que separa os municípios Iatí e Águas Belas, e liga São Pedro do Cordeiro a cidade de Iatí, paralelo a estrada passa o rio ermitão. Essa divisão, segundo os moradores, se deu como forma de possibilitar a organização e ocupação da terra, “para que a gente fosse bem distribuída no assentamento do INCRA”, confirmam os moradores, que, “tinham que tomar de conta das terras do outro lado da estrada”. Assim acabaram por identificar um e outro local como “de cima” e “de baixo” também devido às variações no relevo. Pude observar, com contatos recentes, que a maioria dos moradores “de cima” era constituída de filhos dos moradores do Boi Branco “de baixo” e até mesmo pessoas que chegaram depois da conquista da terra e ali se estabeleceram.



No início do assentamento os moradores receberam 900 hequitares de terra, que compunha a fazenda, e foi dividida em partes iguais entre os membros, que era um total de 50 famílias, dessa forma ficando para cada família 18 para cada. As casas antigas são de uso comunitário, e quem chega é acolhido, ficando nestas casas ou divide as terras com alguma família. Quem recebia a posse da terra normalmente era a pessoa mais velha, e em sua maioria homem, mas também aquele que esteve ligado ao processo de luta, um dos critérios era não ter renda superior a um salário mínimo, o que excluía da posse os aposentados. Esses dados revelam que a maioria dos moradores é de baixa renda, em conversas com os nativos é perceptível que muito de suas rendas advém da aposentadoria dos membros mais velhos da família. Embora a terra tenha ficado em nome de um membro de uma família, há recepção de outros membros familiares e outros convidados como amigos e sem terras, ou simplesmente os nativos recebem outras pessoas que casaram com seus filhos. Na maioria das vezes são recebidos esposas de filhos, homens que casam, e passam e dividir e produzir nas terras do pai. Na partilha da terra não houve distribuição restrita para homens ou mulheres, algumas senhoras receberam, mas na maioria ficaram nas mãos dos homens. Há na comunidade uma relação de dependência por parte das mulheres em relação aos homens, as filhas quando uma mulher casa não há partilha dos bens do pai ou da família, e ela deixa de ser sustentada por essa família e vai pra junto da família do noivo. E normalmente as mulheres não trabalham ou não tem renda fora do trabalho doméstico.

Estimativas dos próprios moradores revelam que a população é de cerca de 300 moradores, e que o número de residências aumentou muito em relação as 50 iniciais, seja por terem recebido membros de outros lugares, que eram também sem terras ou por divisão entre membros familiares. Algumas estimativas otimistas dizem que o número de moradias dobrou, mas estes dados precisam ser confirmados ao longo da pesquisa. Na maioria das vezes as casas que são construídas, desde o início do assentamento e nas duas vilas, ficando as residências próximas uma das outras, e tanto no Boi Branco de baixo e como no de cima, mas o modelo que predomina nos dois lugares é de 100 metros de distancia entre uma casa e outra. Exceto uma residência que fica por traz do açude da comunidade, que esta mais próxima ao sítio arqueológico, essa está a mais de 200 metros do pátio da antiga fazenda, e a 1 km do sítio arqueológico, dessa forma o caminho que leva ao sítio arqueológico fica a 1200 metros do pátio do Boi Branco de baixo. Para chegar lá nas figuras é só pegar uma estrada feita pelos moradores para facilitar suas celebrações religiosas que se dirigem para o sítio. Mas também





é possível chegar, mais rápido e a pé, ao conjunto de figuras rupestres por dentro do rio Ermitão, que banha as terras da comunidade. Há na região um predomínio da vegetação que compõe a caatinga, e a catingueira é comum na região, entretanto o rio está assoreado devido ao desmatamento e plantio exagerado da algaroba, árvore que virou praga na comunidade. Segundo os moradores essa árvore é boa para amenizar o calor na região e fornece madeira para fabricação de estaca e carvão, fonte de renda de alguns. Mas tomou conta do leito do rio e do pátio da fazenda.

Em relação à circulação de pessoas e mercadorias na comunidade há dois mercadinhos, botecos que vendem, sobretudo, bebida alcoólica, há uma borracharia que concerta pneus de motos e bicicletas principal meio de transporte, há pouco mais que cinco automóveis. Mas a feira mensal é feita na cidade de Iatí e na vila de São Pedro, ou por meio de transporte fornecido pela prefeitura de Iatí. As pessoas circulam mais em direção a cidade de para fazer feira nas quintas-feiras ou os jovens vão constantemente para o colégio onde assistem aula da 5^a série ao 3^o ano do nível médio. São esses jovens que facilitam a circulação dos demais membros, uma vez que é através deles que vêm até a comunidade transporte público de segunda a sexta a tarde e a noite. Os moradores se queixam da precariedade dos serviços públicos, entre eles o transporte dos estudantes. Segundo os moradores os serviços já foram piores, mais ainda assim é preciso melhorar muito. Hoje há na comunidade posto de saúde que funciona de segunda a quinta, água encanada que chega no chafariz do pátio da fazenda e um orelhão que dificilmente funciona, mas esta presente. Essas conquistas se devem a reivindicações antigas dos membros do assentamento, segundo os mesmos foram as pessoas que organizaram o assentamento quem orientou essas reivindicações por políticas públicas. Assim como a realização dessas realizações são vistas como motivadas por pessoas ligadas a igreja católica, a conquista da terra também, por serem mais produtivas que outras que não são banhadas pelo rio devido a improdutividade da antiga Fazenda experimental do governo do Estado, foram motivos para tomada e indenização feita pelo INCRA. Segundo os moradores eles sabiam da presença do sítio arqueológico, esse não foi tomado como motivação para esse conquista, mas quando chegaram a tal lugar tomaram a terra assim como o sítio arqueológico como sendo manifestação do sagrado.





3. RECORRENDO AOS FUNDAMENTOS TEÓRICOS SOCIAIS E ANTROPOLÓGICOS

Para falar da relação da comunidade com as figuras rupestres é preciso entender os aspectos religiosos, e compreender a trajetória dos moradores até chegarem às terras onde esta localizada o sítio arqueológico. Uma vez que é evidente que os nativos concebem a chegada e conquista da terra como fruto de luta e reivindicação religiosa. Isso se dá com a relação estabelecida com a igreja católica, e particularmente com as CEBs. Essa relação, segundo os nativos, consolidou a concepção de que a terra é um bem comum a todos, dado por Deus e, portanto, como diz um informante “não seria justo trabalhar tanto e morrer sem dignidade, sem terra o homem não é ninguém”⁴.

Segundo Godoi (1998:97) “os camponeses de Limoeiro, São Pedro, Barreiro Grande e Barreirinho, povoados do sertão do Piauí, se pensam como uma grande família do tronco veio do Vitorino.” Vale lembrar que, assim como o trabalho de Alba Zaluar (1983:50), este estudo retrata populações camponesas que tem devoção a santos, e que se unem por histórias comuns ou laços de parentesco. Se há uma origem comum para os nativos da comunidade Boi Branco é a história e memória da luta pela terra ligada as missas de Lajeiro Alto em Águas Belas, lá onde depois das missas se reuniam com a presença de Dona Quitéria e frei Juvenal para organizar e mobilizar as pessoas, com a finalidade de reivindicar a terra da antiga fazenda junto ao INCRA. É por isso que existe uma ligação entre os nativos, por haver uma origem comum, e muitos deles também são parentes de sangue, se percebem também como uma grande família.

Os nativos trabalhavam nas terras de fazendeiros da região dos municípios de Iatí, Águas Belas e Pedra de Buique, fazendo carvão, plantando lavoura, sobretudo, palma e capim para alimentação do gado dos donos das propriedades. O que predomina na região é a pecuária, quando cultivam lavouras, como feijão, é para consumo. Mas muitos deles já plantaram feijão de meia com donos de terras e já trabalharam alugado. Meia segundo os nativos é plantar na terra de alguém, que fornece semente, e os trabalhadores entram com a mão de obra braçal e recebem metade da produção, daí a expressão “feijão de meia”, e trabalhar alugado é receber por diárias, trabalha o dia e recebe a tarde, esse pode ser na

⁴ As falas dos nativos que aparecem citadas, entre aspas, ao longo do texto foram extraídas do diário de campo, quando não aparecem com nome do informante é para preservar o nome daqueles que ainda não autorizaram formalmente a divulgação de seus nomes.



lavou ou cuidando do gado, mas predomina na lavoura. Um nativo de mais de 60 anos diz que antes de morar na comunidade “comeu o pão que o diabo amassou, de seca a fome passou”, e fez questão de mostrar as mãos calejadas, que segundo o mesmo eram de trabalhar na inchada desde os cinco anos de idade. Para ele “três coisa temos por certo aqui, a seca, a fome e a morte, por nós só Deus, você pensa que tem patrão bom! É? Pensa que o céu é perto? Se há seca o cinturão aperta é pra gente. Se não fosse frei Juvenal, ainda esta era me ferrando, um pense que ninguém tem pena de vei não”

A relação e o papel da instituição católica é instrumento indispensável nesse estudo, merecendo uma discussão aprofundada quanto o papel da CEB e das lideranças religiosas ao longo da história dos membros que hoje dividem as terras da comunidade. Muitos deles afirmam que “é graças a minha Nossa Senhora das Dores, Dona Quitéria e Frei Juvenal que estou aqui hoje, que tenho minha terra. Graças a Deus.”

Um fator importante que a pesquisa sinaliza é para o estudo do carisma das pessoas que estiveram a frente do papel de organizar o pessoal e a burocracia do processo de conquista da terra. Nesse sentido se faz útil recorrer aos estudos de Max Weber (2005) A ética Protestante e o Espírito do Capitalismo onde enfoca o caráter subjetivo da religião, que motivam as ações sociais quanto seu trabalho Três Tipos de Poderes e outros domínios onde enfoca que o Carismática “é exercida mediante a dedicação afectiva à pessoa do senhor e aos seus dons gratuitos (carisma), em especial: capacidades mágicas, revelações ou heroísmo, poder do espírito e do discurso”(WEBER. 2005:9). O que traz o caráter subjetivo da ação social, onde a religiosidade é concebida como conjunto de valores que possibilitam o religioso guiarem suas condutas e escolhas pautadas em motivos, tanto de carismas das lideranças religiosas, como em crenças, que se fundam na fé e moralidade religiosa.

A autora Marjo de Theije (2002:46) em seu estudo sobre o catolicismo na cidade de Garanhuns, que fica a 85 km da comunidade, diz que “alguns teólogos expuseram uma nova visão da justiça social, na qual os pobres lutam pela construção do Reino de Deus, exigindo o que é seu direito.” Cabendo dessa forma conduzir o povo de Deus, os pobres, a enfrentarem as dificuldades e obstáculos que impeçam o acesso a consolidação desse ideal. Esse papel cabe as CEBs, para manifestar que a igreja fez “opção preferencial pelos pobres”. Dessa forma “para edificar o Reino de Deus na terra, os católicos deveriam começar a trabalhar em seu ambiente cotidiano. Os pobres deveriam assumir a vanguarda deste movimento, pois são leais a Deus por sua unidade e fraternidade” (Idem, p. 23). Vale ressaltar que o ambiente estudado



por tal autora, além de está próximo, se relaciona com a temática, aqui abordada, da reivindicação da terra e do papel da igreja, e em particular, no agreste Meridional de Pernambuco onde é grande a influencia da diocese de Garanhuns, a paróquia de Iatí, por exemplo; esta situada dentro dos domínios dessa diocese.

O papel da igreja em relação a reivindicação da terra foi de fundamental importância na comunidade, principalmente em sua forma institucional de CEB, que possibilitou a conquista da antiga fazenda. Essa experiência demonstra também que é possível “a religião determinar o comportamento político” (THEIJE; 2002: 60). A comunidade incorpora a devoção como forma de resistência, na medida em que as lideranças da igreja começam a “conscientizar a importância da luta pela terra e militância religiosa”. E os próprios nativos reconhecem que antes de “seu pedaço de chão eram tratados como bicho”. Essa relação de devoção é diferente da que Alba Zaluar (1983:14) analisa, uma vez que para ela: “a dependência dos homens em relação aos santos guardaria certa homologia com a dependência dos caboclos para com seus patrões”.

Esta mesma autora traz dados que mostram como a relação estabelecida com os santos é também característica da relação de dependência com os patrões, e há até casos de doação de terra para a igreja em nome de santos, já na comunidade Boi Branco são os santos é quem dão terra, segundo a interpretação nativa, na medida em que “deram força na luta pela terra e deram a graça de aqui estar”(Idem:43). Na descrição dessa autora a relação de dependência dos trabalhadores com seus patrões fazem com que “aquilo que partia do patrão para o trabalhador era sempre visto como uma dádiva” (Idem, p. 43). E as relações de devoção traduziriam essa relação de dependência. Dessa forma a lógica da dádiva se inverte na comunidade Boi Branco, a dádiva vem dos santos e de Deus, para libertar-los da opressão dos fazendeiros, tendo que ser retribuída não com serviços ou lealdade para com o patrão, mas com o cumprimento da promessa, de quando conquistada a terra, com a graça de Deus e a mãe de Deus, se fazer a igreja e o altar para adoração.

Tanto Theije (2002) quanto Zaluar (1983) concebem, em seus respectivos estudos, o catolicismo como uma manifestação religiosa que é vivida na prática, que se traduz em visão de mundo. Dessa forma a religião é vivenciada no cotidiano, nas manifestações culturais, nos rituais, na crença e nas questões ligadas às relações sociais e de poder, também nas relações de conflitos que podem reivindicar demandas sociais. É nessa direção que Theije (Idem: 56) diz que “alguns estudos sociológicos afirma que as CEBs – são uma maneira de estabelecer e



manter uma posição influente na sociedade”. Assim a igreja não só estaria junto aos pobres, mas também não perderia membros para outras religiões, como as demandas sociais eram incorporadas a medida que se reivindicava justiça social por parte do Estado.

O estudo dos fenômenos religiosos tem duas maneiras clássicas de abordagem, uma que tenta compreender os significados e motivos da ação social dos religiosos, essa de linhagem weberiana, que tenta dar conta dos significados atribuídos às ações sociais, concebendo a religião: como conjunto de práticas subjetivado ou valores que exprimem as ações. Mas há outra linhagem que tenta dar conta do caráter normativo, macro e moral da religião, por entender que a religião é um fenômeno inerente a todo ser humano e que se encontra presente em todas as culturas, manifestando-se na vida social humana ao longo da história. Essa está ligada ao pensamento de Durkheim (1996) que diz ser ela é um aspecto essencial e permanente da existência humana. Segundo este mesmo pensador as religiões são instrutivas, pois todas exprimem o ser humano à sua maneira e podem assim ajudar a compreender melhor os aspectos das formas humanas de ser. Aqui há a tentativa de entender o sistema social que dá conta da unidade e de expressões coletivas, como normas de condutas morais.

A forma de abordagem aqui presente tenta buscar elementos nas duas abordagens, na durkheimiana por entender que a religião tomou um caráter de unidade e “sistema social” que se traduz em práticas rituais e culturais, manifestas em ritos religiosos e vividos no cotidiano. Mas a unidade religiosa, e, portanto, em forma de solidariedade, ficaria incompleta se não levasse em conta o carisma, e a relação que a comunidade tem com Dona Quitéria, e com frei Juvenal. Que segundo alguns nativos “devem a eles a conquista da terra e a Nossa Senhora das dores”. A senhora Quitéria é ao mesmo tempo rezadeira, ex-parteira, faz lambedor, coordena a pastoral da criança, ligada a CNBB, é quem resolve questões burocráticas ligado a empréstimos e lavouras, e traz um padre que celebra missa de mês em mês na comunidade. Conversando com ela foi possível perceber que já tinha uma história de luta nas CEBs e no sindicato rural de Águas Belas e agora ligada ao de Iatí. Mas ela já participou da conquista de mais dois assentamentos, de Lajeiro Alto em Águas Belas, onde conheceu Frei Juvenal, e o assentamento do Alecrim, que fica no sítio Grácia em Águas Belas. A grande maioria dos moradores da comunidade Boi Branco nunca participou de outro assentamento, e alguns dizem “só depois de Dona Quitéria e frei Juvenal deixamos de ser escravos”. Quando pergunto a própria Quitéria se na comunidade se já tinham tido contato com o MST ela diz

“nunca, acreditamos em Deus, somos das CEBs”. Mas também já acolheram outras pessoas na comunidade que eram sem terra, segundo eles, porque a terra é sagrada, e Deus deixou-a pra todos⁵. O que demonstra que o sagrado se manifesta de deferentes formas para eles.

Assim para entender os significados atribuídos e sistema religioso recorro, também, a teoria antropológica interpretativa para conceituar religião como:

um sistema de significados e símbolos... em cujos termos os indivíduos definem seu mundo, revelam seus achados e fazem seus julgamentos;” “um padrão de significados transmitidos historicamente, incorporados em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam-se, perpetuam-se, desenvolvem seu conhecimento o sobre a vida e definem sua atitude em relação a ela;” “um conjunto de dispositivos simbólicos para controle do comportamento, fontes extra-somáticas de informações. (GEERTZ. apud.KUPER; 2002: 131 e 132)

Mas o fenômeno religioso tem sido percebido de forma diversa por diferentes teóricos no campo próprio das ciências sociais, sobretudo na Antropologia. Muitas teorias buscam compreender a forma e vida do religioso, enfocando a forma de ser e estar no mundo a partir da relação com o sagrado, como entende, por exemplo, Mircea Eliade (1992), que enfoca a relação de sacralização do espaço, que segundo o mesmo, “para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, visto que se apresentam com rupturas, quebras; há poções de espaço quantitativamente diferentes dos outros” (Idem, p.25). Há um espaço sagrado e por conseqüência ‘forte’ significativo, e há outros espaços não sagrados, e por conseqüência sem estruturas sem consistência, em suma amorfos. Essas abordagens dão conta da “morfologia do sagrado” para entender como as práticas religiosas vêm fundar ontologicamente o mundo pela manifestação do sagrado, dê-homogeneizando o espaço, e atribuindo um sentido de ser para o religioso, que é sedento do “ser” e não vivera em meio ao “caos”. Daí, fundar o mundo religioso é incorporar o espaço à manifestação do sagrado.

Ainda nessa mesma perspectiva Monique Augras (1983. p.17) afirma que

A relação entre o homem e o sagrado, estabelecida por cada cultura, revela uma dimensão específica da existência humana. Atribuir a qualidade de “sagrado” a um objeto, um sítio, um acontecimento, nada mais é senão estabelecer uma forma de organização do mundo. O mundo é assim interpretado, codificado, transformando em mensagem, mas não se torna sagrado em sua totalidade. Somente é sagrado aquilo que é sentido como poderoso e significativo.

⁵ Segundo Dona Quitéria, a terra é tida como comum a todos, mas é dividida em partes iguais entre os membros que fazem parte da comunidade, receberam 900 hequitares no início do assentamento, que foi dividido por 50 famílias, 18 para cada. As casas antigas são de uso comunitário, e quem chega é acolhido, ficando nestas casas ou divide as terras com alguma família. Na maioria das vezes são recebidos os filhos, homens que casam, ou sem terras que procuram a comunidade.

Essa relação do homem com o sagrado pode ser percebida na comunidade do Boi Branco e a relação com as figuras rupestre. Uma vez que os moradores ali presentes deram sentido a sua vivência, bem como a relação com as figuras, a parte da noção de sagrado.

Estudos como o da pesquisadora, Arqueológica e Historiográfica, Dra. Gabriela Martins (1996) na sua obra “A Pré-história do Nordeste”, que cita as figuras do Boi Branco mostra que as figuras datam de mais de seis mil anos. Os grafismos podem ser classificados, do ponto de vista arqueológico, como grafismos puros, isto é, grafismos que não trazem consigo nem um significado explícito, são de representação abstrata. Mas há também figuras fitomórficas e antropomórficas, que representam plantas e figuras humanas, as zoomórficas aparecem também, mas em menor quantidade. As figuras que são representadas como imagem de Nossa Senhora podem ser classificadas dentro de signos abstratos, grafismos puros que retratam movimento ou formas indecifráveis, do ponto de vista de nossos códigos culturais. O que dá margens para as mais diversas interpretações.

Podemos perceber que os moradores da comunidade classificam e ressignificam as signogravuras e itaquatiras mediante o imaginário religioso. Na compreensão de Marcel Mauss (2001:451) “é por se perceber classificado em meio à sociedade, que o homem classifica as coisas de formas distintas”. Os moradores da comunidade se percebem abençoados por Deus pela Graça da terra e em meio a uma intensa religiosidade classificam as itaquatiras e signogravuras como sagradas incorporando-as assim as suas práticas religiosas. Antes mesmo de conhecerem as figuras e de morarem nas terras da comunidade esses moradores eram religiosos, e onde fossem a noção de sagrado o acompanhavam, pois eram assim que se percebiam abençoados por Deus. Como os próprios moradores narram “à vida é graça de Deus, e tudo o que temos foi Ele quem nos deu”.

Essa noção de mundo permeia a relação dos moradores com as figuras rupestres, os símbolos da religiosidade, e os aspectos simbólico-culturais, assumem nesse sentido como afirma Leach (1996: 32) uma roupagem de uma situação social. É a partir de seus símbolos e de sua cultura que os moradores interpretam e entendem as figuras rupestres, o que aponta para o sentido religioso, a forma cultural que a religião assume em determinados lugares e sociedades.



4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que contribui para o processo de classificação das figuras rupestres como sagradas está ligado as experiências religiosas da comunidade, pois é a partir de seu capital cultural que ler sua realidade social. São por sua identidade como povo religioso que se reconhecem e expressão seus significados. Nesse sentido a trajetória das pessoas é de fundamental importância para entender como a religião se constituiu fator determinante para chegarem as terras da comunidade.

Há dois elementos que se destacam com os fenômenos sociais na comunidade Boi Branco, primeiro é a religião sendo tomada como fator político na organização social, isso contesta a visão de que religião é alienante e portanto ilógica; segundo é a relação dos oradores com as figuras rupestres, que refaz pensar a relação dos nativos com as figuras rupestres, caso emblemático de como os significados atribuídos ao patrimônio histórico e cultural são variantes e os signos são passíveis de serem ressignificados em códigos sociais que não são exclusivos das instituições reguladoras do patrimônio. Isso está envolvido ao processo de patrimonização do sítio arqueológico Boi Branco, que pode ser tombado como patrimônio arqueológico, mas os nativos reconhecem como sagrado, o que implica em interferência na relação dos moradores com as figuras, ou implica em mudanças na concepção de patrimônio.

As relações sociais são moldadas pelo aspecto religioso, esse fenômeno não pode ser negligenciando na relação sócio-cultural dos nativos com as figuras, e a forma como é vivida e concebida as figuras, assim como a terra, está ligado ao processo de hierofania. Não pode haver escala valorativa quanto as categorias institucionais, dos órgãos de tombamento do patrimônio, e as categorias nativas, pois as duas correspondem a interpretações sociais das figuras rupestres. E uma concepção não exclui a outra, mas se complementam.

A religião nesse sentido traduz e molda as concepções nativas, o que mostra como a vida social é fundada e revigorada, e ao mesmo tempo codificada pelo fenômeno religioso. Sagrado e profano são vetores de leitura da realidade, para o religioso, aspecto que funda e dá sentido ao mundo, motivado e qualificando as ações sociais.

REFERÊNCIAS





AUGRAS, Monique. **O DUPLO E A METAMORFOSE: A identidade mítica em comunidade nagô.** Ed. Vozes. Petrópolis: 1983.

BRUYNE, Paul de. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais: os pólos da prática metodológica.** Trad. Ruth Joffily, Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1997. pp 30.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo.** 2. ed., Brasileira: paralelo 15. São Paulo: UNESP. 2000. 220p

CARDOSO, Ruth C. L.. Aventuras de Antropólogos em Campo ou Como Escapar das Armadilhas do método. IN. CARDOSO, Ruth C. L. **A Aventura Antropológica.** 3. ed. Paz e Terra. 1997.

CAULON, Alain. **Etnometodologia.** Petrópolis: Vozes. 1995. 134p.

DaMATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução à antropologia social.** Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 246p.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo Martins fontes. 1996

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o Profano.** São Paulo Martins Fontes. 1992.

GODOI, Emília Piatrafesa de. O sistema do lugar: história, território e memória no sertão. In: NIEMEYER, Ana Maria; GODOI, Emília Piatrafesa de (org.). **Além dos territórios: para um diálogo entre a etnologia indígena, os estudos rurais e os estudos urbanos.** Campinas (SP): Mercado das Letras, 1998, p.97-131.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986.

KUPER. Adam. **Cultura: a visão dos antropólogos.** EDUSC, 2002.

LABURTHE-TOIRA, Philippe. & WARNER, Jean-Pierre. **Etnometodologia-Antrpologia.** os 2.ed. trad. Anna Hartmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes. 1999. 461p.

LEACH, Edmund Ronald. 1996. **Sistemas políticos da Alta Birmânia.** Tradução de Antônio de Pádua Danesi, Geraldo Gerson de Souza e Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. (Clássicos, 6).

MARTIN, Gabriela. 1996. **Pré-História do Nordeste do Brasil.** Ed-Recife: Editora Universitário-UFPE. 440 páginas.

MAUSS, Marcel. 2003. **Sociologia e Antropologia.** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naufy. 536p

PEIRANO, Mariza G. S. **A favor da Etnografia.** Brasília. 1992.



THEIJE. Marjo. **Tudo que é de Deus é Bom**: uma antropologia do catolicismo liberacionista em Garanhuns. Recife: FJN Ed. Massangana 2002

WEBER. Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 2 ed. São Paulo: Pioneiro Thomson Learning, 2005

WEBER. Max. **Três tipos de poder e outros escritos**. Tribuna da História, Lisboa, 2005. www.lusosofia.net. acessado em 20/06/2011.

ZALUAR. Alba. **Os Homens de Deus**: um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1983.